

## Teoria e suas implicações: compreensão da utilização do Animalismo na *Revolução dos Bichos* e do marxismo na URSS de Stálin

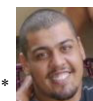
Felipe Fontana \*

**Resumo:** Este pequeno estudo consiste em compreender as implicações da teoria marxista no processo histórico revolucionário e pós-revolucionário da URSS. Realizamos tal tarefa através da análise comparativa entre a obra de George Orwell, *A Revolução dos Bichos*, e o processo histórico existente na URSS Stalinista. Desse modo, construímos uma discussão sobre vários aspectos da obra de Orwell com a finalidade de apreendermos, de maneira fiel, o autor e sua obra; além disso, traçamos paralelos entre a história real e a contada na fábula deste autor. Assim, com a análise e a comparação entre a obra de Orwell e o período real em questão, concebemos uma dissertação que visa mostrar as limitações e as problemáticas que o marxismo e o animalismo possuem quando empregados de maneira imprópria na constituição, legitimação e manutenção de governos que contrariam essencialmente seus fundamentos. Para isso, utilizamos alguns autores fundamentais e pouco visitados no pensamento marxista; por exemplo, Cornelius Castoriadis e Simone Weil.

**Palavras-chave:** George Orwell; Marxismo; Animalismo; Stalinismo; Ideologia.

**Abstract:** This small study is to understand the implications of Marxist theory in the historical process revolutionary and post-revolutionary USSR. We perform such a task through a comparative analysis between the work of George Orwell, *Animal Farm*, and the historical process existing in Stalinist USSR. Thus, we built a discussion on various aspects of the work of Orwell in order to apprehend, faithfully, the author and his work; in addition, we draw parallels between the real story and told the fable of this great author. Thus, the analysis and comparison between the work of Orwell and actual time in question, we designed a dissertation which aims to show the limitations and problems that Marxism and Animalism when employees have improperly in the constitution, maintenance and legitimation of governments that oppose essentially its foundations. For this, we use some key authors and little visited in Marxist thought; for example, Cornelius Castoriadis and Simone Weil.

**Key words:** Gorge Orwell; Marxism; Animalism; Stalinism; Ideology.



\* FELIPE FONTANA é graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá.



### Introdução

Neste artigo pretendemos colocar em evidência algumas questões relacionadas à obra *A Revolução dos Bichos* e a teoria marxista. Exploraremos parte do terreno marxista (aquele que possuímos mais contato), assim como as grandes lições evidenciadas por George Orwell em sua fábula. Tentaremos traçar paralelos entre a teoria marxista e o governo stalinista, o governo de Stálin e o governo de Napoleão (porco governante da fábula) e entre o animalismo (teoria dominante que está presente na fábula de Orwell) e o marxismo. Porém, não é possível realizar tal tarefa sem um esforço de compreendermos uma gama significativa de questões a serem exploradas e abordadas em nosso pequeno estudo. Afinal, para o entendimento efetivo dessa fábula devemos buscar conhecimentos que vão além de suas páginas.

Notamos que a crítica feita por Orwell em seu “conto de fadas” possui a finalidade de recriminar e colocar em evidência as fragilidades, problemáticas e contradições da Revolução Russa e seus desdobramentos; além disso, tais escritos provocam e contrariam o período histórico do qual o autor fazia parte e que era pano de fundo para a concepção de seu trabalho.

Para expor a problemática que nos dispomos a realizar, utilizaremos analogicamente *A Revolução dos Bichos*, a Revolução Russa e suas consequências; ou ainda, o animalismo e o marxismo presentes dentro destes processos revolucionários. Assim, a crítica que arriscaremos a realizar contará com uma quantidade significativa de pesquisadores marxistas; dentre eles estão Simone Weil, Cornelius Castoriadis, Marilena Chauí e José Paulo Netto.



### Um pouco de George Orwell e o momento histórico do nascimento de sua grande fábula

George Orwell (pseudônimo de Eric Arthur Blair) nasceu na Índia em

1903 e faleceu com quarenta e sete anos. Durante sua formação acadêmica mostrava grande capacidade crítica ao sistema capitalista e ao “artificialismo intelectual” presente nas Universidades. De família britânica residente em colônia inglesa, Orwell serviu à polícia de sua nação, a qual, utilizando da força bruta e da violência, defendia os interesses gananciosos e exploradores da metrópole britânica (tal experiência foi fundamental para que Orwell se tornasse um dos maiores contestadores do imperialismo inglês).

Recriminando a rica vida e o “status” de burguês que possuía, Orwell partiu para outra realidade e forma de vida; assim, ele se tornou operário e professor primário em Paris e Londres. Segundo Teixeira, Orwell foi à Europa e lá “sentiu, pela primeira vez na carne, o gosto amargo da opressão, da desigualdade” (TEIXEIRA, 2004). Foi em meio ao seu novo modo de vida e

realidade que o Orwell começou a produzir seus primeiros escritos.

Em 1937, as inspirações políticas de Orwell distanciavam-se da concepção que os comunistas ortodoxos faziam da realidade. A sua postura política era mais ligada aos anarquistas socialistas, desta maneira, mostrava-se claramente contrário ao stalinismo. Orwell evidenciou a situação miserável da vida dos operários em *O Caminho para Wigan Pier* em 1937, porém, antes disso, em 1936, Orwell participou da Guerra Civil Espanhola, pois acreditava que aquele momento era “o palco onde a história aconteceria” (TEIXEIRA, 2004). Com esta experiência de guerra o autor escreve em 1938 o livro *Homenagem à Catalunha*.

Não só contra o stalinismo, em 1945, Orwell escreve a fábula *A Revolução dos Bichos*, na qual realiza uma crítica eficaz contra os governos totalitários e especialmente, utilizando-se de fortes analogias, a Revolução Russa e ao governo de Stálin, que segundo o autor, traiu a Revolução de 1917. Para Orwell, a Revolução Russa teria passado a crítica para o patamar do “terror, mentiras e traições” e para o “aburguesamento do regime soviético” (TEIXEIRA, 2004). Em relação aos governos totalitários, em 1949, Orwell publica a obra *1984*, crítica ácida aos totalitarismos e suas nocivas práticas no controle e dominação das massas.

Orwell tem a capacidade ímpar de retratar em seus livros as suas vivências; ou seja, suas obras possuem fortes vínculos com sua “experiência vivida”. Sua antiga vida burguesa, sua vida como operário e professor, sua ida à guerra e a realidade da qual fazia parte estão presentes e se incorporam aos seus escritos. Percebemos claramente que a experiência de vida de Orwell o motivou e influenciou na concepção de

seus trabalhos; com as palavras de Wright Mills, citadas por Paulo de Salles Oliveira, notamos a importância disto, já que há pensadores que “não separam seu trabalho de suas vidas. Encaram ambos demasiado a sério para permitir tal dissonância, e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra” (OLIVEIRA, 1998, p. 19).

*A Revolução dos Bichos* começou a ser escrita em 1943 e foi publicada em 1945 (ORWELL, 2007, p. 146). Houve grandes dificuldades para a publicação do livro; afinal, não haviam editoras que quisessem publicar a obra de Orwell devido ao conteúdo evidentemente contestador e político que dela emanava. Como já foi dito, toda a “experiência vivida” de Orwell faz parte da concepção de seus trabalhos, dessa forma, a Guerra Civil Espanhola, a Revolução Russa, a Primeira e principalmente a Segunda Guerra Mundial fazem parte da bagagem contextual que percorre a fábula deste autor; o que implica diretamente na repercussão da crítica que o autor pretende realizar.

Todos os governos totalitários existentes na Europa são alvos da crítica que percorre este livro de Orwell. É em meio ao governo nazista de Hitler na Alemanha, ao fascista de Mussolini na Itália e ao stalinista de Stálin na URSS que Orwell escreve sua fábula. Dessa maneira, apesar de toda a analogia ser referente à Revolução Russa e sua posterioridade, nada impede que a interpretação da obra se estenda para uma realidade mais global da história mundial; tanto é que houve grande dificuldade para a publicação desta obra em várias nações. *A Revolução dos Bichos* era uma afronta enorme aos grandes governos existentes na Europa, principalmente os mais desenvolvidos,

ricos e ligados à Segunda Guerra Mundial. A coragem de Orwell era evidente, afinal, o autor poderia sofrer, e sofreu, grandes repressões; porém, não foi o medo que calou as grandes críticas presentes em seu insultuoso “conto de fadas”.

### **O que passa na “granja do solar” e o que a *Revolução dos Bichos* nos comunica**

A história de Orwell se passa em uma fazenda denominada Granja do Solar, a qual era coordenada por Sr. Jones. Este tratava de maneira cruel e injusta os bichos que ali habitavam, trabalhavam e produziam riquezas. Foi em meio a este triste ambiente que o porco procriador da fazenda denominado Major levantou algumas questões.

Assim, antes de sua morte, o suíno revelou as desgraças que rondavam a existência dos animais submetidos ao Sr. Jones e ainda mostrou o quão degradante era a vida de cada bicho ali presente. Além disso, o sabido porco profetizou o fim daquela vida de opressão, exaltando uma sociedade sem fome, sem trabalho excessivo, sem castigos e mais digna aos animais; ou seja, uma nova configuração social onde todos os bichos seriam iguais.

Toda a argumentação do discurso profético e ideal de Major baseava-se em uma doutrina teórica muito peculiar que fora desenvolvida por ele, o animalismo. Através do animalismo todos poderiam erguer-se contra a realidade existente, criticá-la e modificá-la. Afinal, o molde fora criado e agora era só aplicar as idéias de um inteligente suíno que insistiu em dizer (de maneira bem impetuosa) que nessa vida havia visto de tudo, entedia de tudo, sabia de tudo e as explicações para a melhora da existência dos animais,

obviamente, estariam nos princípios do animalismo.

Depois da morte de Major houve aqueles que seguiram os princípios dessa nova teoria, dedicaram-se ao seu estudo e propuseram-se em espalhá-la por toda a fazenda; modificando e tornando-a uma ideologia dominante, a qual realizaria futuramente a função problemática de encobrir a realidade dos animais.

Com grande dificuldade, Napoleão e Bola-de-Neve, dois porcos estudiosos do animalismo, explicaram para os outros animais o conteúdo e as finalidades desta teoria para converter estes aos ideais “animalistas”. Mesmo alguns animais não entendendo de maneira efetiva aquilo que tais ideias informavam, todos concordavam com a necessidade de obter um conjunto de intentos extremamente importantes: recuperar suas dignidades, trabalhar menos, evitar os castigos, comer mais, livrar-se de Jones e possuir mais tempo para atividades que resgatavam essencialmente o espírito “animal”.

Dessa maneira, com a adesão dos bichos, a revolução ocorreu. Com grande esforço e cooperação, os animais lutaram e venceram Sr. Jones e os fazendeiros vizinhos (parceiros de Jones) que eram contrários a revolução. Os animais conseguiram se livrar do antigo carrasco e os porcos quistos como mais inteligentes (pois sabiam ler e escrever, além de dominarem com excelência os preceitos do animalismo) ficaram com a administração da fazenda que passou a ser denominada como Granja dos Bichos.

Passando por alguns problemas, Napoleão e Bola-de-Neve tentaram administrar a fazenda. Aos poucos as relações ali estabelecidas tornaram-se cada vez mais complexas; entre outras

coisas, a máxima animalista de pouco trabalho e mais liberdade e descanso não foi alcançada e brigas entre os porcos dirigentes começaram a ocorrer.

Napoleão e Bola-de-Neve discordavam de tudo. A briga em relação à construção do moinho de vento foi culminante para despertar em Napoleão o desejo e a necessidade de uma administração única; a qual foi defendida com o auxílio da força bruta existente em seus obedientes e ferozes cães. Dessa forma, com o imperativo da violência, Bola-de-Neve foi expulso da fazenda e tornou-se uma lenda; depois disso, os problemáticos e estranhos acontecimentos que ocorriam na Granja dos Bichos eram ligados ao antigo porco que ali habitava.

Com a supervisão exclusiva de Napoleão os bichos passaram a produzir exaustivamente cada vez mais. A cansativa busca para o aumento da produção tinha as seguintes finalidades: o acúmulo de subsídios para a construção do moinho de vento, a manutenção da boa vida da classe dominante da fazenda (os porcos) e a própria alimentação dos animais.

O porco ditador controlava a tudo e a todos. A repressão era regular e a cada sinal de conspiração contra o “desenvolvimento” da Granja dos Bichos os terríveis cães de Napoleão atacavam e matavam os conspiradores ditos aliados de Bola-de-Neve. Já o descanso... Este era cada vez mais escasso.

As mudanças na Granja dos Bichos eram sempre maiores e piores; os animais não entendiam direito o que ocorria na fazenda, apenas trabalhavam e interiorizavam grande parte das explicações dadas por Garganta (porco mensageiro e extremamente persuasivo de Napoleão). Sanção, o cavalo mais

forte, robusto e trabalhador da fazenda era exemplo disso. O bicho não entendia muito bem o que se passava, mas com a mesma frequência que Quitéria ruminava, este repetia: “Trabalharei ainda mais”, ou ainda, “O Camarada Napoleão tem sempre razão”.

Com a nova sociedade estabelecida as relações da fazenda modificavam-se rapidamente graças ao auxílio de algumas ideias que sempre eram reajustadas. Os princípios ou mandamentos do animalismo, escritos na fazenda, às vezes apareciam com novas palavrinhas; pequenas e aparentemente insignificantes reformulações eram feitas e tão pouco percebidas pelos bichos ali presentes. Porém, o conteúdo inerente aos mandamentos modificados não beneficiava todos os animais; as alterações só tinham por finalidade a melhora da vida dos porcos que administravam a fazenda; contrariando assim, aquilo que parecia ser o sétimo mandamento do animalismo (todos os animais são iguais).

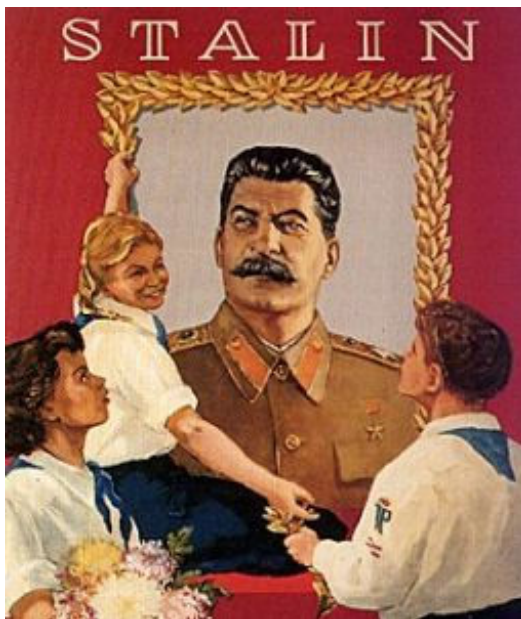
Poucas vezes uma inquietação assombrava as consciências dos bichos em relação aos princípios do animalismo que estavam sendo modificados. Quitéria, a égua, era craque em achar que algo estava de errado, mas sempre que ia confirmar alguma de suas inquietações acreditava mais em uma falha de sua memória do que em uma constatação própria de que qualquer coisa problemática estava acontecendo com os princípios do animalismo.

A Granja dos Bichos estava cada vez mais estranha. Com os porcos no comando passou a existir um contato maior com os humanos; essa convivência que antes parecia ser uma conduta contrária ao animalismo (afinal, homens tinham duas pernas e, de acordo



com o mandamento primeiro, eram reconhecidos como inimigos) se tornou algo corriqueiro. Os seres de quatro pernas e asas (antes reconhecidos como amigos pelo segundo mandamento do Animalismo) agora eram mortos caso desconfiassem das condutas de Napoleão ou questionassem suas decisões; ou seja, passaram a ser tratados como inimigos, contrariando assim o que antes parecia ser o sexto mandamento do animalismo (nenhum animal matará outro animal).

Os porcos usavam roupas, dormiam em camas e bebiam álcool. Tais comportamentos, perante os princípios terceiro, quarto e quinto do animalismo, um dia pareceram ser condenáveis. A máxima que dizia, “Todos os animais são iguais”, existente no começo da fábula revolucionária de Orwell, agora não se apresenta como parte da constituição de uma nova configuração social onde todos os animais gozariam deste privilégio. Dessa maneira, os bichos não sabiam mais quem eram os porcos e quem eram os homens, a verdade é que eles continuaram bichos.



### Algumas associações entre a fábula de Orwell e os desdobramentos da Revolução Russa: o stalinismo

Este pequeno percurso sobre a obra *A Revolução dos Bichos* é necessário para traçarmos algumas relações com os escritos de Orwell e as posterioridades da Revolução Russa, o governo Stalinista. A relação simbólica estabelecida pelo autor é evidente: Major é Marx, Bola-de-Neve é Trotski, Napoleão é Stálin, Quitéria e Sanção representam o proletariado e é assim com os vários personagens que permeiam a fábula do autor e que representam os indivíduos reais da Revolução Russa.

Além disso, os fatos e acontecimentos da fábula falam por si mesmo; por exemplo, a condição deplorável dos animais antes da revolução (dominação, fome, miséria, exaustão, injustiças, etc.), a situação de animais sendo mortos por acusações suspeitas de conspiração, mudanças e alterações nos princípios do animalismo, tentativa de manipular as mentes dos animais pelo discurso exaustivo de Garganta, ou ainda, algo mais específico, como a reunião final de Napoleão e Pilkington (fazendeiro que já fora inimigo dos animais durante a Revolução dos Bichos) nos faz perceber a clara associação que Orwell realiza com os contraditórios e problemáticos acontecimentos históricos existentes na Revolução Russa e nos seus desdobramentos.

A *Conferência de Teerã* (reunião entre Stálin, Roosevelt e Churchill que foi realizada em 1943) confirmava a Aliança entre URSS, EUA e Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial. Na fábula de Orwell, esse acontecimento é simbolizado através da reunião entre Napoleão e Pilkington.

As modificações e alterações dos mandamentos do animalismo e dos acontecimentos históricos anteriores ao governo de Napoleão na Granja dos Bichos podem ser enxergadas de maneira semelhante às alterações realizadas pelo governo Stalinista nos documentos históricos existentes na URSS. Como informa José Paulo Netto<sup>1</sup>:

“Além dessas mistificações e adulterações, a necessidade de justificar o estado de coisas vigente conduziu a autocracia stalinista a autênticas falsificações históricas (de que é bom exemplo a *Grande Enciclopédia Soviética*, onde heróis se transformavam em canalhas de uma edição para a outra). Toda a crônica da Revolução de Outubro foi reescrita para atribuir a Stálin um papel muito maior do que aquele que realmente desempenhou e, ao mesmo tempo, diminuir a participação efetiva dos seus concorrentes e adversários” (NETTO, 1981, p. 25).

Além disso, podemos perceber a “demonização” de Bola-de-Neve na atitude tomada pelo governo de Stálin em relação a Trotski: “seu nome foi ridiculamente ‘apagado’ da história da revolução e, nos acontecimentos posteriores, associado às fantásticas ‘conspirações anti-soviéticas’.” (NETTO, 1981, p. 25)

Da mesma forma que Garganta realizava um bom trabalho de persuasão

<sup>1</sup> “A autocracia stalinista promoveu um sem números de adulterações e mistificações teóricas. Uma delas, de graves conseqüências e formuladas pelo próprio Stálin, foi a tese de que as lutas de classe se agravavam na transição socialista, quando o Estado já está sob o controle do proletariado. Esta excrecência ideológica, apresentada por Stálin como um ‘desenvolvimento’ do marxismo-leninista, era, no fundo, uma simples justificação para as cruéis repressões policiais dos anos trinta” (NETTO, 1981, p. 67).

dos animais e de enaltecimento de Napoleão a propaganda vinculada ao stalinismo fazia de Stálin um ídolo nacional: “E esta identificação, a seguir, generalizou-se entre todos os comunistas, pelo mecanismo, de uma hábil propaganda que promoveu o ‘culto à personalidade’ de Stálin.” (NETTO, 1981, p. 60)

Assim, podemos notar que há vários exemplos encontrados na fábula de Orwell que podem ser vinculados facilmente aos acontecimentos históricos da Revolução Russa, principalmente aquilo que se remete ao governo de Stálin. Porém, não esgotaremos todas as associações possíveis existentes na obra; o que tentamos demonstrar, de modo simples, é que há a possibilidade de relacionarmos os acontecimentos do livro com os fatos históricos e que o autor deste “conto de fadas” foi excepcional em realizar tal tarefa.

### **Marxismo na *Revolução dos Bichos*: comparações e análises com o governo stalinista**

Do mesmo modo que discutiremos as problemáticas práticas embasadas pelo animalismo durante o governo de Napoleão, também debateremos a relação de legitimação que a teoria marxista exerceu em dadas atitudes políticas de um governo. Na Granja dos Bichos, o animalismo passa por um processo gradual de modificações e manipulações; porém, não se nega o fato desta teoria partir de uma conjuntura explicativa inicial que a persegue em toda sua transformação. Major (porco e ideólogo) foi quem primeiramente mostrou os princípios do animalismo. Tal porco engendrou questões que mostravam sua sensibilidade perante a realidade dos bichos da Granja do Solar; além disso, o porco também profetizou o fim da

realidade dominada por homens e a emergência de uma sociedade só de bichos, na qual todos seriam iguais e não haveria trabalho em excesso, fome, exaustão, etc.

Na fábula de Orwell, todo o desenvolvimento do processo revolucionário da Granja do Solar é embasado pelo animalismo. Tal teoria sofre mudanças constantes com a clara finalidade de ir se adequando às diversas conjecturas de uma realidade cada vez mais distante da informada pelo animalismo e da quista por Major e os animais da Granja dos Bichos; ou seja, a teoria foi sendo adequada e manipulada para legitimar uma realidade tão deplorável quanto à vivenciada no período em que Sr. Jones comandava a fazenda. Através da análise de sua trajetória, podemos perceber que o animalismo tanto legitimou a ruptura com a problemática realidade existente, como também embasou a conformação de uma sociedade contraditória aos seus princípios. É Cornelius Castoriadis que fala brilhantemente sobre esta mesma idéia em relação ao marxismo que sai: “fundamentando tanto a política de Tito como a dos albaneses, a de Khrouchtchev como a de Mao” (CASTORIADIS, 1982, p. 21).

A ideia acima só pode ser entendida se nos propormos a pensar da seguinte maneira: o marxismo transformou-se de teoria contestatória em ideologia, exercendo assim, as problemáticas inerentes a este conceito. Dessa forma, o marxismo passa a desempenhar na realidade um papel diferente daquele que se colocava inicialmente como adequado: crítica, confronto e mudança social.

Quando se torna ideologia e age ideologicamente, o marxismo auxilia na conformação do indivíduo em relação à

realidade que o cerca. Na definição de Marilena Chauí, a ideologia se apresenta como “um corpus de representações” que possui a finalidade de falsear a realidade, propondo assim, a sua não mudança e conformação:

“um ‘corpus’ de representações que fixam prescrevem de antemão *o que se deve e como se deve pensar, agir e sentir*. Por sua, anterioridade, a ideologia predetermina a pré-forma os atos de pensar, agir e querer ou sentir, de sorte que os nega enquanto acontecimentos novos e temporais” (CHAUÍ, 1980, p. 24).

Quando empregado ideologicamente, o marxismo realiza um processo de obscurecimento da realidade; o seu objetivo torna-se outro. Podemos perceber isto quando jogamos a tona os exemplos históricos de Estados que utilizaram o marxismo como base ideológica de seus governos e nem por isso conseguiram estabelecer uma relação de maior igualdade e dignidade entre as classes sociais; ou, até mesmo, o desaparecimento destas. O stalinismo, por exemplo, é modelo de um governo totalitário que é embasado ideologicamente pelo marxismo e que não trouxe consigo uma sociedade mais digna e menos desigual<sup>2</sup>. Do mesmo modo, o animalismo alimentou a emergência da Revolução dos Bichos e nem por isso fomentou uma sociedade mais digna e igualitária entre os animais.

<sup>2</sup> O marxismo não só embasou o governo de Stálin como também foi fundamental para a Revolução Russa; ou seja, essa teoria possibilitou ambos os acontecimentos históricos. É pertinente evidenciar que no segundo caso houve de maneira mais eficiente a manipulação da teoria e a transformação dela em uma ideologia dominante, a qual é fruto das problemáticas interpretações e alterações de um grupo que está no poder e o exerce de maneira brutal; no caso, comparativamente, Stálin e seu governo na URSS e Major e sua administração na Granja dos Bichos.



Uma das explicações para o problema acima é que, segundo Castoriadis, o marxismo possui um caráter dúbio: revolucionário e reacionário. Para o autor, trata-se de um problema inerente à teoria; segundo ele, o marxismo é aberto a modificações e manipulações, ao ponto de transformar-se em algo contraditório e legitimador de problemáticas ações. Essa característica que a teoria marxista possui é intrínseca ao fato de terem lhe atribuído um caráter ideológico, o qual, na própria perspectiva de Marx, representa um conjunto de ideias que possui a finalidade de encobrir ou falsear a realidade, levando a não transformação da própria, com Castoriadis notamos que:

“o marxismo tornou-se uma *ideologia* no próprio sentido que Marx dava a este termo: um conjunto de idéias que se refere a uma realidade, não para esclarecê-la e transformá-la, mas para encobri-la e justificá-la no imaginário que permite às pessoas dizerem uma coisa e fazerem outra, apresentarem que não são. O marxismo tornou-se primeiro ideologia, enquanto dogma oficial dos poderes instituídos nos países ditos por antífrase ‘socialista’. Invocado por governos que visivelmente não encarnam o poder do proletariado e não são também mais ‘controlados’ por estes do que qualquer governo burguês” (CASTORIADIS, 1982, p. 21).

Assim como o marxismo na Revolução Russa, o animalismo também se tornou ideologia e passou a legitimar o governo truculento e explorador de Napoleão; um exemplo evidente disso é a maneira como Sansão enxergava a realidade da qual fazia parte. Na fábula de Orwell, Sansão não tinha a percepção de sua condição de opressão, apenas trabalhava e venerava Napoleão. A figura deste

personagem representa um proletariado dominado ideologicamente, que repete jargões de uma ideologia que só tem por consequência frustrar sua existência, falsear sua realidade desumana e colocar em evidência a prática que conseqüentemente o degenera, o trabalho excessivo, ou ainda, a exploração desumana da força de trabalho.

Na Granja dos Bichos, Napoleão e Bola-de-Neve valeram-se da ideia de trabalho excessivo como uma causa nobre para o rompimento com aquela realidade deplorável antes constituída com o Sr. Jones; porém, já com o governo organizado, Napoleão não mediu esforços para explorar cada vez mais o trabalho dos animais. Está aí uma grande contradição que mostra uma ambigüidade do animalismo que tanto legitima o fim do trabalho em excesso e a dedicação a atividades mais dignas quanto a exploração do trabalho por uma classe dominante para o desenvolvimento da fazenda e a manutenção de uma ideologia de governo que não mais reivindica uma sociedade mais digna. Acreditamos que podemos perceber tal ideia também no marxismo e nos desdobramentos da Revolução Russa.

A concepção marxista etapista de revolução quando aplicada à realidade traz consigo conseqüências drásticas. A URSS, economicamente atrasada, tinha que desenvolver suas forças produtivas, pois assim, evidenciaria as contradições do regime capitalista e daria condições para que futuramente se pudesse realizar a revolução proletária socialista; porém, os meios para a realização desta tarefa eram cruéis e contraditórios ao pensamento marxista:

“Com esta verdadeira revolução industrial, que se prolongou nos anos seguintes, transformou-se a

face do país: a Rússia começou a entrar na idade contemporânea. Os métodos brutais: populações inteiras dos campos foram deportadas, as formas do trabalho industrial (envolvendo homens egressos de zonas agrícolas e, portanto, pouco afeitos à disciplina exigida pela fábrica moderna) tiveram feição repressiva – inclusive o direito de greve foi rigorosamente proibido” (NETTO, 1981, p. 40).

Dessa maneira, podemos perceber a utilização de uma teoria que legitima a opressão e a dominação da classe que deveria essencialmente defender. O marxismo moldado realizou tal tarefa na URSS de Stálin; favoreceu a dominação camponesa para atingir um maior desenvolvimento industrial, afinal, um país atrasado economicamente não seria uma nação adequada para realização de uma revolução socialista (dentro da concepção etapista de revolução).

O Leninismo quando aplicada à realidade fez com que os camponeses fossem subjugados ao trabalho fabril “cuja brutalidade domina toda a parte da vida passada entre as máquinas; o acaso não tem direito de cidadania na fábrica” (WEIL, 1979, p. 131). Mas a contradição está no fato de que a ideia que subjuga o camponês é a mesma que levará, através da concepção de etapas necessárias, à sociedade mais igualitária, o socialismo. E isso, por vezes, conduz ideologicamente o oprimido por um caminho que lhe afasta da crítica da realidade degradante da qual faz parte.

Podemos notar, tanto na fábula de Orwell quanto no Stalinismo, a utilização do animalismo e do marxismo como fonte de manipulação das massas, mais especificamente dos operários. Na fábula, o porco Garganta tinha a função de manipular os bichos e inculcar em suas mentes falsas

informações e ideias oriundas da transfiguração do animalismo. No stalinismo, tal atividade era exercida pelas agências de propagandas do governo que, através da propaganda massiva em rádios, jornais e panfletos, impregnavam nas mentes dos indivíduos as concepções fajutas que diziam ser inerentes ao marxismo.

Quando Simone Weil realiza seu estudo sobre os operários revela que muitas vezes estes não possuem a capacidade de criticar a realidade da qual fazem parte, pois são dominados por um pensamento ideológico corrente que não condiz com a vida social que levam, ou seja, são oprimidos por uma carga de pensamentos existentes exteriormente a eles e que são fundamentais para a sobrevivência da classe que os domina: “Por isso, quando os operários falam de seu próprio destino quase sempre repetem palavras de propaganda feitas por gente que não é operário” (WEIL, 1979, p.130). Essa ideia apresentada pela autora nos faz pensar mais uma vez na figura de Sansão e em sua situação na Granja dos Bichos.

O animalismo, como ideologia da classe dominante, exerceu um poder feroz sobre os habitantes da fazenda. Assim como muitos dos operários estudados por Weil, os animais da Granja dos Bichos são, por vezes, incapacitados de falar de seus próprios destinos; afinal, as ideias de suas existências são postuladas por outros e não por eles. Sansão é incapaz de criticar sua condição de oprimido, pois os preceitos do animalismo, já ajustados ao governo de Napoleão, agora dizem tudo a respeito de sua experiência como animal. Aquilo que é informado pela classe dominante é apreendido e entendido por todos como certo; dessa forma, o processo de falseamento da realidade se realiza, ou seja, o processo

ideológico se efetiva, bastando assim, apenas a conformidade do indivíduo perante a realidade; nos parece que foi isso que Orwell mostrou na figura de Sansão.

Uma importante afirmação que está presente em nossa argumentação é a de que a manipulação da teoria marxista viabilizou a política truculenta e catastrófica do governo de Stálin. Porém, essa afirmação não surge ao relento; além de Castoriadis, José Paulo Netto também informa tal ideia: “stalinismo: o fenômeno stalinista não é algo simples, linear, mera reunião de características sociais e políticas – antes de mais, trata-se de uma prática política a que se vinculou a um sistema de idéias” (NETTO, 1981, p. 59). Podemos ver isto também em:

“A *adaptação efetuada* pela autocracia stalinista se fez no sentido de *transformar* a teoria revolucionária num *meio para justificar a sua prática política*. Isto é: a teoria não foi utilizada para esclarecer e orientar a política, mas para legitimá-la. Numa palavra: *a teoria foi empregada como apologia, degradou-se em propaganda*” (NETTO, 1981, p. 63) (Grifos meu.).

Até o presente momento, tentamos mostrar que da mesma maneira que a ideologia burguesa pode tornar o proletariado não crítico de sua existência, o animalismo pode anular a opinião do animal sobre sua verdadeira condição de explorado, e porque não, o marxismo na forma de ideologia pode acabar com a capacidade crítica do indivíduo perante a realidade da qual ele faz parte. Mas, acreditamos que isso só ocorre quando teorias passam para o patamar de ideologia, sendo assim, utilizadas por uma classe dominante com finalidades particulares de manutenção de governos e supressão

dos indivíduos; em nosso caso, a teoria marxista, utilizada como ideologia por Stálin, se configurou como uma arma legítima de controle social e de manutenção do governo stalinista na URSS.

Também podemos perceber as problemáticas nas aplicações e transposições de uma teoria para a realidade não só em sua transformação em ideologia, mas também na característica de ser limitada ao tempo que foi concebida. A teoria elaborada por Karl Marx é, em grande parte, determinada pelo tempo do qual este fez parte; ou seja, ela carrega consigo toda uma carga histórica do tempo que o autor concebeu a sua pesquisa, desta maneira, em dados aspectos, ela torna-se fixa ou restrita ao seu tempo. Isso não significa que se deve realizar um abandono de teorias já feitas, mas sim olhá-las de maneira mais ou menos limitadas e abertas a reformulações<sup>3</sup> de acordo com os processos históricos.

Ambos, método e teoria marxista, possuem uma ligação íntima com o conteúdo histórico que circunscrevem seus nascimentos, o que nos leva a entender que a argumentação de Marx é íntima de seu período histórico, e não aberta a dar explicações e respostas a todas as nuances dos outros períodos vividos e construídos pela humanidade<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> No momento onde afirmamos a necessidade de “reformulações” de uma dada teoria parece que damos a entender como legítimo o que o governo Stalinista fez com a teoria marxista, porém, quando pensamos em “reformulações” acreditamos que estas devam levar em consideração o cerne de um dado pensamento ou teoria, e não invertê-las ou manipulá-las de maneira desonesta, desconfigurando a sua essência.

<sup>4</sup> Para mostrar que aqui não estamos realizando uma apologia ao abandono das teorias criadas por Marx, utilizaremos a ideia que Castoriadis faz sobre o assunto. Castoriadis reconhece o quão importante é o papel de Marx; afinal, este

Seria de grande ousadia afirmar que a teoria de Marx daria conta de explicar a realidade atual em sua completude, pois é estar condizente com a afirmação de que:

“nada, no conteúdo da história dos últimos duzentos anos, autoriza ou leva a questionar as categorias de Marx, tudo pode ser compreendido por seu método.”, o que seria como, “tomar posição sobre o conteúdo, ter uma teoria definida a esse respeito, e, ao mesmo tempo, recusar-se a dizê-lo” (CASTORIADIS, 1982, p. 25).

Aplicar a teoria marxista ao entendimento e compreensão da realidade seria como aceitar que há respostas certas para a crítica da mesma, pois há categorias de um dado pensamento que a explica e a critica de antemão; o que é prejudicial, já que, a utilização de categorias de entendimento de um determinado

---

é o estudioso que primeiramente consegue fazer uma análise da vida social com profundas raízes no trabalho. Para o autor, não há nenhum pensador que tinha por objetivo tal tarefa e a realizou de maneira tão primorosa: “Uma coisa é reconhecer a importância fundamental do ensino de Marx, no que concerne à relação profunda que une a produção e o resto da vida de uma sociedade. Ninguém, depois de Marx, pode pensar a história ‘esquecendo’ que todos os aspectos da vida social estão profundamente ligados ao trabalho, ao modo de organização desta produção e à divisão social que lhe corresponda.” (CASTORIADIS, 1982, p. 30) No entanto, para Castoriadis: “Outra coisa é reduzir a produção, a atividade humana mediatizada por instrumentos e objetos, o trabalho, às ‘forças produtivas’ ou seja, finalmente, à técnica, atribuir-lhe um desenvolvimento ‘em última análise’ autônoma e construir uma mecânica dos sistemas sociais, baseada numa oposição eterna, e eternamente a mesma, entre uma técnica ou forças produtivas que possuiriam uma atividade própria, e o resto das relações sociais e da vida humana, a ‘superestrutura’, dotada de arbitrariamente de uma passividade e de uma inércia essencial.” (CASTORIADIS, 1982, p.30-31)

período histórico, por vezes, se limita apenas para uma análise específica, e não para descuidadas e grandes generalizações. Afinal, nem sempre determinadas mudanças da realidade podem ser percebidas e apreendidas por um único método e teoria que em determinados aspectos apresentam-se como antigos e inadequados, específicos de uma realidade passada.

Tendo respostas dadas como incondicionalmente certas não há a necessidade de o indivíduo elaborar novas críticas à sociedade da qual faz parte, pois a crítica e a explicação já estão estabelecidas, dadas. O problema se encontra a partir do momento que refletimos sobre a seguinte questão: a teoria marxista ainda possui a capacidade de explicar e criticar as mudanças e as problemáticas da realidade caótica da qual fazemos parte? Como já evidenciamos, esta teoria tem um grande vínculo com seu tempo histórico, dessa forma, em certos aspectos, é limitada a ele, sendo assim, não só possui aspectos impróprios para explicar a mudança da realidade, mas também, quando manipulada imprópriamente, serve de instrumento para a conformação diante dela. Foi o que ocorreu com o marxismo na URSS de Stálin, e com o animalismo na Granja dos Bichos de Napoleão.

Para entendermos como o período histórico de concepção de uma dada teoria pode determinar em muito sua construção, podemos brevemente salientar uma argumentação feita por Weffort. Marx viveu em uma “Europa quente” por processos revolucionários recentes, dessa forma, muito de sua teoria desembocará para a questão da revolução, mesmo que não seja cabível em determinadas especificidades históricas, dessa maneira, podemos perceber as influências do período



histórico de concepção de uma teoria na própria teoria:

“Pode-se tomar como normal, mais ainda essencial, em um revolucionário a vontade de participar da revolução. Nada portanto de extraordinário se, em circunstâncias desfavoráveis, ele é tentado a vê-la onde ela não está. A verdade, porém, é que mais do que desejos, Marx viveu em uma Europa revolucionária, ainda quente das memórias da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas” (WEFFORT, 1996, p. 231).

Como já evidenciamos, a degradação da teoria em ideologia é crucial para que assim possa se realizar todo o problemático processo de legitimação e manutenção de uma realidade caótica. Processo este que, vinculado à questão da limitação histórica de uma teoria, que como mostramos, possui implicações que vão desde a sua pouca competência de generalização até a falta de capacidade dos indivíduos elaborarem novas críticas sobre a realidade que o cerca, gera grandes mazelas, das quais, nos parece mais problemáticas, a legitimação de governos totalitários, altamente prejudiciais aos seus cidadãos e a destruição, manipulação e inversão de uma teoria altamente contestatória e crítica. Ora, além do governo Stalinista, podemos perceber estas mesmas implicações nas grandes lições evidenciadas por Orwell em sua obra *“A Revolução dos Bichos”*.

### Conclusão

Tentamos evidenciar que a teoria marxista, quando manipulada e transformada em ideologia, pode legitimar um governo que contradiz essencialmente suas concepções originais. No momento em que foi transfigurado em ideologia dominante,

o marxismo realizou a função de obscurecer a realidade dos indivíduos, impossibilitando a crítica e a luta efetiva. Além de viabilizar o domínio de um grupo sobre os demais indivíduos, essa ideologia (fruto da alteração e adulteração teórica e histórica) acabou com qualquer preceito de igualdade e justiça entre os homens; ela legitimou a fuga daquilo que primeiramente informava a teoria. Além disso, ressaltamos o quão a teoria marxista tem um vínculo muito próximo com seu período histórico de concepção, dessa forma, em dados aspectos, é limitada a ele.

Também evidenciamos que o marxismo e o animalismo tornaram-se problemáticos quando foram aplicados e desrespeitosamente adaptados a uma nova configuração histórica existente; afinal, quando justapostos (sem levar em consideração sua essência e seu conteúdo pertinente e coerente) a uma dada realidade, levam para respostas prontas e a falta de novas percepções críticas dos indivíduos inseridos em um dado contexto histórico.

As teorias existentes nos ensinam muito; porém, não são a única fonte de explicação para a realidade da qual fazemos parte. Sempre que apreendermos e transportamos seus conteúdos, argumentações e críticas para a realidade presente devemos ter o cuidado de resgatar aquilo que nelas ainda possui um conteúdo explicativo e coerente, não delimitador para nossa existência; ou seja, algo que não restrinja nossa capacidade de criação e entendimento da realidade pertencente a nós.

Deve-se ficar claro que não estamos fazendo apologia ao “retalhamento” e à “fragmentação indevida” das teorias clássicas. Quando utilizarmos pensamentos e explicações alheias

devemos ter em mente uma postura respeitosa para com o trabalho do outro. Não é o simples “picotar pensamento” e “pinçar ideias” mais adequadas para se estabelecer a compreensão da realidade; não é a manipulação e transformação indevida da teoria; não é a irresponsável modificação de seu conteúdo; ou, pior ainda, a transfiguração da teoria em ideologia. O que deve ser feito é o mergulho profundo em uma dada teoria para obter o seu conhecimento efetivo, para que em um segundo momento possamos enxergar seus pontos ainda explicativos e suas limitações.

#### Referências

CASTORIADIS, C. A Instituição imaginária da sociedade. In: **MARXISMO E TEORIA REVOLUCIONÁRIA**. Tradução por Guy Reynaud – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHAUÍ, M. Educação e Sociedade. In: **IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO**. São Paulo: USP, 1980.

NETTO, J. P. O que é Stalinismo. 2ª ed. São Paulo – Editora Brasiliense, 1981.

OLIVEIRA, Paulo Salles. Apresentação. In: \_\_\_\_ (org). **Metodologia das Ciências Humanas**. 2ªed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998, p. 13 – 16.

\_\_\_\_\_. Caminhos de construção da pesquisa em Ciências Sociais. In: \_\_\_\_ (org). **Ob. Cit.**, p. 13 – 16.

ORWELL, G. A Revolução dos bichos. Tradução por: Heitor Aquino Ferreira – 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TEIXEIRA, M. S. Biorwellgrafia, uma biografia de George Orwell, 2004. *Disponível em HTML: <http://www.duplipensar.net/george-orwell/george-orwell-biografia.html>* Acesso em: 27/11/2008

WEFFORT, F. C. Os clássicos da política. In: **MARX: POLÍTICA E REVOLUÇÃO**. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

WEIL, S. Experiência da vida de fábrica. In: **A CONDIÇÃO OPERÁRIA e outros estudos sobre a opressão**. Tradução por Therezinha G. G. Langlada. Seleção e apresentação de Ecléia Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.